

# ELABORAÇÃO DO PROJETO NA PESQUISA FENOMENOLÓGICA EM ENFERMAGEM

## PREPARATION OF DESIGN IN PHENOMENOLOGICAL RESEARCH IN NURSING

## ELABORACIÓN DEL PROYECTO EN LA INVESTIGACIÓN FENOMENOLÓGICA EN ENFERMERÍA

Antonio Carlos Gil<sup>1</sup>  
Nancy Itomi Yamauchi<sup>2</sup>

As pesquisas orientadas fenomenologicamente caracterizam-se pela flexibilidade. Não cabe, portanto, definir normas rígidas a respeito do projeto que as orienta. Como, porém, muitas dessas pesquisas têm como propósito a obtenção de um título acadêmico, seus autores, com frequência, sentem dificuldade para adaptar sua proposta de pesquisa aos requisitos definidos pelas instituições. Assim, apresenta-se o presente trabalho que tem como objetivo discutir as vantagens e desvantagens da elaboração de projetos de pesquisas orientadas fenomenologicamente, bem como esclarecer acerca dos componentes que integram esses projetos. Para sua elaboração foram consideradas contribuições teóricas de pesquisadores que se dedicam à pesquisa fenomenológica, bem como a análise de projetos de pesquisa submetidos a instituições de ensino superior. Discute-se inicialmente o papel do projeto nas pesquisas fenomenológicas. Em seguida, passa-se à apresentação organizada – sempre seguida de discussão – dos elementos sugeridos para composição de um projeto de pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Projeto de pesquisa. Enfermagem. Fenomenologia.

*Phenomenological researches are characterized by flexibility. Not responsible therefore set strict rules about the project design. As, however, much of this research are intended to obtain an academic title, the authors often go to have trouble adapting their research proposal to the requirements set by the institutions. Thus, it appears that this paper aims to discuss the advantages and disadvantages of the development of phenomenological researches and also explain about the components that make up these projects. For its construction were considered theoretical contributions of investigators engaged in phenomenological research, as well as analysis of research projects submitted to higher education institutions. It discusses first the role of design in phenomenological research. Then present the organized presentation - always followed by discussion - the items suggested to compose a research project.*

**KEYWORDS:** *Keywords: Research project. Nursing. Phenomenology.*

*Las investigaciones fenomenológicamente orientadas se caracterizan por su flexibilidad. No cabe, por lo tanto, establecer normas estrictas al respecto del proyecto que las orienta. Pero, como muchas de esos estudios tienen la finalidad de obtener un grado académico, sus autores a menudo tienen dificultades para adaptar su propuesta de investigación a los requisitos establecidos por las instituciones. Por lo tanto, este trabajo tiene como objetivo discutir las ventajas y desventajas de la elaboración de proyectos de investigación orientados fenomenológicamente, así como esclarecer acerca de los componentes que conforman esos proyectos. Para su elaboración se consideraron las contribuciones teóricas de los investigadores dedicados a la investigación fenomenológica, así como el análisis de los proyectos de investigación presentados a las instituciones de educación superior. Inicialmente, se discute el rol del*

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Sociais. Licenciado em Pedagogia. Mestre em Ciências Sociais. Doutor em Ciências Sociais. Doutor em Saúde Pública. Professor da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. acgil@uol.com.br

<sup>2</sup> Bacharel em Enfermagem. Licenciada plena em Enfermagem. Mestre em Administração pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul. nancy.yamauchi@uol.com.br

*proyecto en las investigaciones fenomenológicas. En seguida, se presentan organizadamente, siempre acompañado de un debate, los elementos sugeridos para la constitución de un proyecto de investigación.*

*PALABRAS-CLAVE: Proyecto de investigación. Enfermería. Fenomenología.*

## INTRODUÇÃO

Verifica-se, desde a década de 1980, a progressiva ampliação da quantidade de pesquisas realizadas no campo da enfermagem sob a perspectiva fenomenológica. O que se justifica em virtude da valorização da compreensão dos fenômenos a partir de quem o vivencia. Com efeito, a pesquisa fenomenológica trata de fenômenos como o adoecimento, a dor, o relacionamento com os outros e a morte; fenômenos que não podem ser compreendidos sem levar em consideração os seres que o vivenciam em seu contexto de vida. Assim, a pesquisa fenomenológica apresenta-se como alternativa para a compreensão desses fenômenos sob a perspectiva dos próprios sujeitos. Considere-se, a propósito, que do total de 2.955 dissertações e teses que compõem o Banco de Teses da Capes, defendidas entre 1987 e 2007 adotando a abordagem fenomenológica, 359 efetivaram-se no campo da enfermagem (ALMEIDA et al., 2009).

Realizar uma pesquisa fenomenológica com qualidade, no entanto, não constitui tarefa das mais simples. Isto porque, embora o propósito de Husserl com a criação da Fenomenologia tenha sido o de apresentar um método para tornar a Filosofia uma ciência rigorosa, não há consenso acerca dos procedimentos a serem seguidos nas investigações que adotam esse enfoque. Os pesquisadores fenomenológicos não dispõem, por exemplo, de manuais como os que são adotados em pesquisas realizadas segundo a perspectiva positivista, que constitui a tendência ainda dominante no campo da enfermagem.

Quando se adota o modelo positivista, o planejamento de uma pesquisa em enfermagem constitui tarefa simples. Desde que se tenha um problema formulado com clareza e precisão, torna-se possível, sem maiores dificuldades, selecionar a amostra, coletar os dados, e proceder à sua

análise e interpretação. O mesmo não ocorre com as pesquisas fenomenológicas, já que as pesquisas conduzidas sob esse enfoque não seguem um conjunto de procedimentos predefinidos.

Quem pretende realizar uma pesquisa fenomenológica precisa, no entanto, tomar os cuidados necessários para conduzi-la com critérios de rigor. Rigor que deve se manifestar já na elaboração do projeto, pois este é o documento que esclarece acerca das decisões importantes a serem tomadas ao longo do processo de pesquisa e que é fundamental para que se possa analisar as propostas de pesquisas acadêmicas.

A maioria dos programas de mestrado e doutorado em enfermagem define – ainda que em linhas gerais – os elementos que devem constar dos projetos de pesquisa. Também existem muitas obras – algumas elaboradas sob a forma de manual – que orientam acerca da maneira como elaborar projetos de pesquisa voltados tanto para a qualificação de candidatos como para pleitear a concessão de auxílio para a realização da pesquisa. Estes manuais são muito úteis, desde que a pesquisa corresponda a algum dos delineamentos clássicos de pesquisa em enfermagem, como: experimentos, estudos de coorte, estudos de caso-controle e levantamentos de campo.

Esta tarefa, no entanto, torna-se mais complexa na condução de uma pesquisa fenomenológica. Isto porque, ao iniciar uma pesquisa desta natureza, o pesquisador, de modo geral, não dispõe de um problema formulado com clareza, objetividade e especificidade. Também não dispõe de hipóteses de trabalho e não tem como definir previamente a extensão da amostra, como estruturar os instrumentos de coleta de dados e nem como determinar os procedimentos analíticos. Daí as dificuldades com que se deparam muitos enfermeiros ao tentar ajustar projetos

de pesquisa fenomenológica aos esquemas definidos pelas instituições.

O presente trabalho tem, portanto, o propósito de contribuir para que enfermeiros que optaram pela realização de pesquisas em enfermagem sob o enfoque fenomenológico disponham de elementos para a elaboração de seus projetos. Trata-se, portanto, de trabalho voltado principalmente para enfermeiros empenhados na realização de pesquisas para subsidiar a elaboração de teses de doutorado e dissertações de mestrado.

Tanto a discussão quanto as sugestões para elaboração do projeto decorrem da experiência prática e de contribuições teóricas apresentadas por pesquisadores que se dedicaram à pesquisa fenomenológica. O texto, por sua vez, é organizado em seções que se seguem conforme as etapas geralmente seguidas no processo de pesquisa clássica.

#### PAPEL DO PROJETO NA PESQUISA FENOMENOLÓGICA

A elaboração de um projeto de pesquisa fenomenológica constitui tarefa bem mais complexa do que a daqueles que se referem a pesquisas orientadas sob a perspectiva positivista. Como um dos princípios fundamentais da fenomenologia é o da intencionalidade, as coisas não podem ser isoladas de sua manifestação. Assim, na elaboração do projeto de pesquisa fenomenológica, não é possível identificar previamente todas as decisões importantes a serem tomadas ao longo do processo de pesquisa. Não há como, por exemplo, especificar os objetivos da pesquisa, operacionalizar as variáveis, determinar o tamanho da amostra, validar um instrumento para coleta de dados ou determinar procedimentos estatísticos para testar suas hipóteses.

Pode-se até mesmo admitir não ser cabível a pretensão de elaborar projetos de pesquisa fenomenológica adotando os modelos clássicos. Como o pensamento fenomenológico é essencialmente descritivo, os pesquisadores não privilegiam a generalização nem o estabelecimento de conexões causais entre variáveis. É possível, portanto, que enfermeiros empenhados na realização de

uma pesquisa sob o enfoque fenomenológico sintam algum tipo de desconforto quando solicitados a justificá-lo perante bancas examinadoras.

Isto, entretanto, não significa que, para realizar uma pesquisa fenomenológica, deva-se dispensar o projeto. O projeto é necessário para que a proposta de pesquisa possa ser avaliada quanto à sua relevância e exequibilidade. Não apenas pelos integrantes das bancas examinadoras dos programas de mestrado e doutorado, mas também pelos especialistas dos organismos de fomento à pesquisa.

Cabe considerar, no entanto, que Husserl nunca se propôs a elaborar um método para realizar pesquisa empírica. O propósito da fenomenologia, segundo seu criador, é o de fornecer elementos para o desenvolvimento das ciências eidéticas, ou ciências puras, que constituiriam a base das ciências positivas. A transposição do método fenomenológico da filosofia para as ciências empíricas não é obra de Husserl, mas de seus seguidores. Seguidores estes que, em sua maioria, não se empenharam em elaborar interpretações consistentes da fenomenologia. Por isso mesmo é que Giorgi (1985) considera que seria melhor definir a maioria de seus seguidores como seus desviantes.

Husserl (1977) chegou até mesmo a escrever uma obra em que apresenta as bases para a constituição de uma psicologia fenomenológica, a qual possibilitaria aos psicólogos resgatar a subjetividade como fonte originária da vida humana e a sua correlação com o mundo-da-vida (*lebenswelt*). No entanto, como acentua Giorgi (1985), essa psicologia fenomenológica é na realidade psicologia filosófica; não é fenomenologia psicológica e nem psicologia concreta fundamentada fenomenologicamente.

Feitas estas considerações, cabe considerar que este trabalho não pode ter como pretensão servir como um manual que permita aos enfermeiros empenhados em investigações de cunho fenomenológico definir, de forma unívoca e inquestionável, os procedimentos a serem adotados tanto em seu planejamento quanto em sua execução. Até mesmo porque a fenomenologia não pode ser reduzida a um “livro de receitas”;

ela é muito mais uma abordagem, uma atitude, uma postura investigativa.

## PARTES DO PROJETO

O projeto de pesquisa fenomenológica é caracterizado pela flexibilidade. Não há, portanto, como definir rigorosamente as partes que o compõem, assim como o seu encadeamento. É possível, no entanto, identificar elementos que são importantes para que seja feita a análise do projeto. Assim, recomenda-se que esses elementos sejam agrupados em seções específicas do projeto: Introdução, Fundamentação Teórica e Trajetória Metodológica.

### Introdução

A Introdução deve ser elaborada com vistas a esclarecer acerca do tema da pesquisa, problema, objetivos, contextualização e justificativa de sua realização.

#### *Tema da pesquisa*

O primeiro elemento a ser considerado é o tema da pesquisa. Como na maioria das pesquisas, a escolha do tema, na pesquisa fenomenológica, também constitui tarefa simples, pois corresponde geralmente a um assunto de interesse do pesquisador ou pesquisadora, que é apresentado de maneira ampla. É preciso considerar, no entanto, que nem todos os temas propostos são adequados a estudos fenomenológicos. Temas apropriados são os referentes à experiência vivida dos seres humanos, que se expressa em sentimentos, crenças, aspirações e temores. Assim, no campo da enfermagem, podem ser investigados, dentre outros, os fenômenos relacionados à vida, à doença, à dor, ao sofrimento, ao convívio com pessoas doentes, à perda de uma parte do corpo, ao medo da morte e à hospitalização, bem como ao relacionamento com parentes das pessoas enfermas e com outros membros da equipe hospitalar.

#### *Problema de pesquisa*

Como qualquer pesquisa, a fenomenológica inicia-se com uma interrogação. Entretanto, diferentemente de outras modalidades de pesquisa, como experimentos e levantamentos, na pesquisa fenomenológica, o problema nesta etapa não está ainda bem definido. Ele corresponde mais a uma insatisfação do pesquisador ou da pesquisadora em relação àquilo que pensa saber sobre algo. Ou alguma coisa o incomoda, gerando uma tensão que, por sua vez, conduz à busca da essência do fenômeno. Fenômeno este que, ao mesmo tempo em que lhe causa certa estranheza, também lhe é familiar, pois faz parte da realidade vivida. Esta familiaridade, porém, não constitui ainda o conhecimento. Por esta razão, o primeiro momento da pesquisa fenomenológica é denominado pré-reflexivo, pois se refere a algo que se pretende conhecer, mas que não está bem explicitado (HUSSERL, 1977). Daí porque nem sempre o problema da pesquisa fenomenológica pode ser formulado mediante uma simples frase, como geralmente ocorre nas pesquisas clássicas.

#### *Objetivos da pesquisa*

Nos delineamentos clássicos de pesquisa, a definição dos objetivos ocupa uma posição central. Isto porque, com base na especificação dos objetivos é que se parte para a definição operacional dos conceitos neles contidos. Assim, esses projetos geralmente apresentam um objetivo geral e uma série de objetivos específicos. Convém também que, nos projetos de pesquisa fenomenológica, sejam apresentados os objetivos da pesquisa. Não se recomenda, no entanto, o enunciado de um objetivo geral e de objetivos específicos, já que estes tendem a ser elaborados com a principal finalidade de favorecer a operacionalização de conceitos e variáveis; o que não se aplica às pesquisas orientadas fenomenologicamente. Nota-se mesmo que, em muitos projetos elaborados segundo o modelo clássico de pesquisa, os objetivos são elaborados simplesmente a partir da transformação da expressão

verbal do problema numa outra expressão sob a forma afirmativa.

Muitos manuais de pesquisa enfatizam que, após a formulação do problema, devem ser construídas hipóteses com vistas a antecipar possíveis respostas ao problema proposto. Na primeira etapa da pesquisa fenomenológica, porém, é necessário que o pesquisador ou a pesquisadora deixe de lado tudo o que já conhece ou supõe acerca do fenômeno. Esta etapa corresponde à *epoché*, que implica a suspensão de qualquer hipótese que antecipe a realidade a ser investigada. Não cabe, portanto, a apresentação de hipóteses no projeto de pesquisa fenomenológica.

### *Contextualização*

Na pesquisa fenomenológica – como já foi visto – os problemas de modo geral são apresentados de uma forma ampla. Sua delimitação corresponde a um processo que vai se dando ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Convém, no entanto, indicar em que contexto a investigação será realizada, que poderá ser um contexto psicológico, sociológico ou antropológico ou mesmo geográfico, já que a região geográfica é considerada por Frémont (1980) como “espaço vivido”. O que é necessário, no entanto, é evitar a excessiva preocupação com a circunscrição espacial e temporal do fenômeno. São aspectos muito importantes em certos delineamentos, como os levantamentos, mas cuja explicitação não se justifica em pesquisas de caráter fenomenológico.

### *Justificativa*

É importante justificar a realização da pesquisa. Muitas das pesquisas fenomenológicas incluem-se na categoria de pesquisas puras, não sendo, portanto, determinadas por objetivos práticos. Mesmo assim, convém considerar o valor potencial de seus resultados para o conhecimento científico.

### **Fundamentação teórica**

Como a fenomenologia está longe de constituir uma abordagem uniforme, torna-se importante

apresentar a fundamentação teórica da pesquisa. É importante ressaltar, no entanto, que muitas das pesquisas apresentadas como fenomenológicas não apresentam esse esclarecimento. Considere-se, a propósito, que, de 359 teses e dissertações no campo da Enfermagem, produzidas entre 1987 e 2007, que indicaram ter utilizado o método fenomenológico, 32,9% não indicam o referencial teórico utilizado. Dentre as que o indicam, os autores mais adotados foram Heidegger, Schutz, Merleau-Ponty e Martins e Bicudo (ALMEIDA et al., 2009).

Existem muitas abordagens fenomenológicas que, longe de estarem solidificadas, são dinâmicas e apresentam constante desenvolvimento. Do ponto de vista essencialmente filosófico, é possível definir as abordagens: Fenomenologia Transcendental, identificada com Husserl e intérpretes, como Eugen Fink e Van Breda; Fenomenologia Existencial, associada principalmente com Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty e Gabriel Marcel; e Fenomenologia Hermenêutica, associada a Heidegger, Gadamer e Ricoeur.

Quando se trata da aplicação do método fenomenológico em pesquisas, também podem ser identificadas múltiplas abordagens e variantes. A mais antiga abordagem é a da Fenomenologia Descritiva, de rigorosa inspiração husserliana e que busca estudar as estruturas essenciais dos fenômenos que aparecem na consciência. Originaram-se dessa abordagem os métodos definidos por Colaizzi (1978), Giorgi (1985) e Van Kaam (1959).

Outra abordagem é a Hermenêutica, que enfatiza o papel do pesquisador e os horizontes de interpretação e fundamenta-se nos trabalhos de Heidegger. Enquanto a Fenomenologia Descritiva concentra-se principalmente nas descrições de experiências dos participantes, a Fenomenologia Hermenêutica vale-se também da análise de textos literários, poesia, correspondência etc. A abordagem hermenêutica é uma das mais adotadas na pesquisa fenomenológica no Brasil, graças principalmente ao trabalho desenvolvido por Joel Martins, Maria Aparecida Viviane Bicudo e Vitória Espósito (BICUDO; ESPÓSITO, 1994; MARTINS; BICUDO, 1989).

Uma terceira abordagem é a da chamada Escola de Utrecht, proposta por Van Manen (1990). Esta abordagem combina elementos da fenomenologia descritiva e da fenomenologia hermenêutica, cujo método é definido por seu autor não como uma sequência de etapas, mas de abordagens. Sua ênfase está na experiência vivida.

Outras abordagens foram desenvolvidas mais recentemente. A Abordagem Reflexiva do Mundo Vivido (DAHLBERG, K.; DAHLBERG, H.; NYSTROM, 2008) enfatiza a influência do mundo social na realidade existencial do indivíduo. A Análise Fenomenológica Interpretativa (IPA) tem enfoque idiográfico e visa oferecer *insights* acerca da maneira como determinada pessoa, num certo contexto, atribui sentido a determinado fenômeno (SMITH; OSBORN, 2003). A Análise Crítica da Narrativa, que também focaliza o estudo individual, mas enfatiza a compreensão da história vivida tal como é apresentada (LANGDRIDGE, 2007). A Abordagem Relacional (FINLAY; EVANS, 2009) enfatiza a emergência dos dados a partir do encontro dialógico entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, que são designados co-pesquisadores. A Abordagem Heurística, proposta por Moustakas (1994), também enfatiza o envolvimento do pesquisador na pesquisa, a ponto de sua experiência tornar-se o próprio centro da investigação.

### Trajatória metodológica

Os projetos de pesquisa geralmente incluem uma seção referente aos procedimentos metodológicos. No campo das ciências naturais e da saúde, essa seção é denominada Materiais e Métodos. Já no âmbito das ciências humanas, essa seção é denominada Metodologia, Métodos e Técnicas, Procedimentos Metodológicos ou simplesmente Método. De modo geral, essa seção é subdividida em seções que tratam do tipo de delineamento, do processo de amostragem, das técnicas de coleta de dados e dos procedimentos de análise. Nas pesquisas fenomenológicas, nem sempre se recomenda a subdivisão dessa seção, pois isto não contribui para o entendimento da

metodologia como um processo. Assim, essa seção pode ser apresentada no projeto com um título como Trajetória Metodológica, indicando – mesmo que sem subdivisões – os procedimentos de coleta, análise e interpretação dos dados.

### Coleta de dados

Como na pesquisa fenomenológica, a ênfase é colocada na compreensão da experiência vivida dos outros. O procedimento mais recomendado para coleta de dados consiste em solicitar a um grupo de indivíduos que relatem por escrito sua própria experiência. Mas não são todas as pessoas que têm habilidade para expressar sua experiência por escrito. Por isso a entrevista torna-se o procedimento mais adotado na pesquisa fenomenológica. Com efeito, esta técnica pode ser utilizada com muita flexibilidade, pois se ajusta às características dos mais diversos tipos de informantes, inclusive daqueles que têm dificuldade para se expressar por escrito. A modalidade de entrevista mais adotada, por sua vez, é a entrevista não estruturada, que permite a livre expressão do entrevistado ao mesmo tempo em que garante a manutenção de seu foco pelo entrevistador.

Também podem ser utilizadas outras técnicas que possibilitam a expressão oral dos indivíduos, como histórias de vida e depoimentos pessoais. Por história de vida entende-se o relato de uma pessoa sobre sua existência através do tempo, procurando reconstruir os acontecimentos que ele considera importantes. Por depoimento pessoal entende-se o relato de uma experiência individual que revela sua ação como pessoa e participante da vida social. A diferença básica entre estas duas técnicas está, pois, na forma de agir do pesquisador. Na obtenção de depoimentos, o pesquisador adota uma postura mais ativa, procurando obter as descrições que se relacionam diretamente com o tema da pesquisa. Já na história de vida, o pesquisador permanece mais silencioso, minimizando sua interferência.

Enquanto as histórias de vida referem-se à trajetória de um indivíduo num longo período, os depoimentos pessoais concentram-se num curto espaço de tempo. A história de vida

demanda, portanto, muito mais tempo tanto para obtenção das informações quanto para sua transcrição. Assim, as pesquisas que utilizam histórias de vida, de modo geral, tendem a apresentar um número de informantes menor que o das que se fundamentam em depoimentos pessoais.

Também há pesquisas fenomenológicas fundamentadas em relatos escritos espontaneamente, como diários e autobiografias. É possível considerar até mesmo cartas deixadas por suicidas como relatos importantes para este tipo de pesquisa.

### *A pergunta norteadora*

A trajetória da pesquisa fenomenológica inicia-se com a pergunta norteadora. Ela é que serve de abertura e de guia para o que se pretende investigar. Deve ser elaborada de forma tal que permita dar início ao diálogo entre pesquisador e pesquisado, garantindo ampla liberdade para que o entrevistado faça suas descrições, mas possibilitando também que sejam feitas novas formulações no transcorrer da conversa.

A pergunta norteadora na pesquisa fenomenológica é muito diferente das que orientam as pesquisas sociais clássicas. Nestas, a pergunta é construída em termos claros e precisos de forma a permitir que possa ser formulada por qualquer pesquisador “desinteressado”. Para Van Manen (1990), a pergunta fenomenológica precisa ser “vívida” pelo pesquisador. Ela não pode, portanto, ser formulada definitivamente logo no início da pesquisa, já que estará sujeita a alterações, à medida que se estabelece a relação com o pesquisado.

Na maioria das pesquisas, constrói-se uma única pergunta orientadora. Esta pode, no entanto, ser subdividida em duas ou três, mas devem voltar-se essencialmente para a compreensão do significado da experiência vivida a ser pesquisada, pois esta constitui o ponto de partida da pesquisa fenomenológica.

A pergunta norteadora pode refletir a abordagem adotada pelo pesquisador. Considere-se, por exemplo, a formulação da pergunta por oito pesquisadores que adotam abordagens diferentes em estudos com o propósito de pesquisar a

experiência de “cuidar de um paciente no processo de morte”. Um pesquisador orientado pela perspectiva descritiva poderia perguntar: “Como você se sente cuidando de um paciente no processo de morte?” Um pesquisador orientado pela perspectiva hermenêutica poderia perguntar: “O que significa cuidar de um paciente no processo de morte?” Um pesquisador orientado pela perspectiva da experiência vivida poderia perguntar: “Qual a experiência vivida de cuidar de um paciente no processo de morte?” Um pesquisador animado pela perspectiva reflexiva do mundo vivido poderia perguntar: “Qual o mundo vivido de quem cuida de um paciente no processo de morte?” Um pesquisador vinculado à análise fenomenológica interpretativa, visando captar variações entre os co-pesquisadores, poderia perguntar: “Qual a experiência individual de cuidar de um paciente no processo de morte?” Um pesquisador identificado com a abordagem crítico-narrativa, entrevistando uma única pessoa, poderia perguntar: “Que história você poderia contar acerca da sua experiência de cuidar de um paciente no processo de morte?” Um pesquisador orientado pela perspectiva relacional, buscando intensificar a dinâmica do encontro com o pesquisado, poderia perguntar: “Como é cuidar de um paciente no processo de morte?” Um pesquisador heurístico poderia preferir atender à sua própria experiência e perguntar: “Qual a minha experiência de cuidar de um paciente no processo de morte?”

### *Seleção dos participantes*

A seleção dos participantes é um dos itens que mais provocam dúvidas nos pesquisadores. Como o que se pretende na pesquisa fenomenológica não é a generalização dos resultados, o pesquisador não tem porque se preocupar com a seleção de uma amostra proporcional e representativa em relação a determinado universo de pesquisa. O que interessa é que os sujeitos sejam capazes de descrever de maneira acurada a sua experiência vivida. Mas é importante definir os critérios de exclusão e de inclusão dos participantes. Neste sentido, van Kaam, citado por Polkinghorne (1989), estabelece seis critérios

para determinação dos participantes: habilidade para se expressar facilmente com palavras, habilidade para perceber e expressar seus sentimentos e emoções sem vergonha ou inibição, habilidade para expressar as sensações orgânicas que acompanham esses sentimentos, experiência relativamente recente com o fenômeno que está sendo estudado, interesse espontâneo na própria experiência e habilidade para escrever ou reportar-se a respeito do que estava ocorrendo interiormente nesse período.

Não é possível definir *a priori* o número de participantes. Essa estimativa depende dos objetivos do estudo, da natureza do tópico, da quantidade e qualidade das informações pretendidas dos participantes e do número de vezes que serão submetidos a entrevistas. Pode até mesmo ocorrer que informações fornecidas por um único sujeito sejam suficientes para alcançar os propósitos da pesquisa. Constata-se, porém, que a maioria das pesquisas envolve cerca de dez participantes e raramente a amostra excede a vinte participantes.

### *Coleta de dados*

Para a coleta de dados na pesquisa fenomenológica requer-se o estabelecimento de um clima de receptividade. Como as entrevistas de modo geral são longas, é conveniente gravá-las. Mas é necessário assegurar a confidencialidade dos dados obtidos. Assim, é necessário solicitar e obter permissão para que as entrevistas sejam gravadas. Também é importante deixar claro para os participantes quanto tempo será necessário para obtenção das informações. Isto para evitar que, à medida que o tempo for passando, os respondentes sintam-se ansiosos pelo final da entrevista e passem a fornecer informações inadequadas ou insuficientes. E como o tempo necessário para a obtenção dos dados pode ser longo, convém que o local e as condições em que são realizadas as entrevistas sejam satisfatórios.

Como a pesquisa fenomenológica envolve seres humanos, torna-se necessária a obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da pessoa entrevistada. Assim, cabe apresentar

o modelo deste termo, preferencialmente em apêndice. Não se justifica a realização de uma pesquisa fenomenológica sem o atendimento deste requisito.

### *Análise dos Dados*

Uma das principais características da pesquisa fenomenológica é a flexibilidade. Assim, não se justifica definir antecipadamente todos os procedimentos a serem seguidos no processo de análise. Diversos autores, no entanto, desenvolveram modelos de análise. O primeiro foi elaborado por Van Kaam (1959). Seguiram-se, dentre outros, os modelos de Colaizzi (1978), Keen (1975), Giorgi (1985), Hycner (1985) e de Moustakas (1994), que são reelaborações dos modelos de Van Kaam e Colaizzi.

Um dos modelos mais utilizados é o de Giorgi, caracterizado por sua simplicidade, que se desenvolve em quatro etapas: leitura geral do material, definição de unidades de significado, expressão das unidades na perspectiva escolhida pelo pesquisador e formulação de uma síntese das unidades.

Qualquer que seja o modelo adotado, especial atenção deverá ser dada ao tratamento das unidades de significado. Neste sentido, cabe lembrar o recurso da matriz nomotética, proposto por Martins e Bicudo (1989), que é construída pelo cruzamento entre a identificação das unidades de significado e a indicação das descrições individuais. Sua principal vantagem é a apresentação gráfica dos resultados.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que as sugestões aqui oferecidas possam contribuir para que pesquisadores empenhados na realização de pesquisas segundo o enfoque fenomenológico disponham de um roteiro mínimo para elaboração de seus projetos. Procurou-se, para tanto, evitar que a proposta se caracterizasse como um manual de procedimentos, o que a tornaria incompatível com o modo fenomenológico de pesquisar. Cada tópico considerado foi seguido pela pertinente discussão,



visando dar oportunidade para que o pesquisador, após reflexão, possa decidir pelo que convém ou não incluir em seu projeto. Assim, seguindo as orientações sugeridas, os pesquisadores terão elementos para tornar seus projetos facilmente inteligíveis aos membros das comissões de pós-graduação dos programas de mestrado e doutorado e aos avaliadores das agências de financiamento de pesquisa, sem abdicar da coerência com os princípios que orientam a pesquisa fenomenológica.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Inês S. et al. O caminhar da enfermagem em fenomenologia: revisitando a produção acadêmica. *Rev. Eletrôn. Enferm.*, Goiânia, v. 11, n. 3, p. 695-699, 2009. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n3/pdf/v11n3a30.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2012.
- BICUDO, Maria Aparecida V.; ESPÓSITO, Vitória Helena C. (Ed.). *Pesquisa qualitativa em educação*. Piracicaba: Editora da Unimep, 1994.
- COLAIZZI, Paul F. Psychological research as the phenomenologist views it. In: VALLE, Ronald S.; KING, Mark (Ed.). *Existential phenomenological alternatives for psychology*. New York: Oxford University Press, 1978. p. 48-71.
- DAHLBERG, Karen; DAHLBERG, Helena; NYSTROM, Maria. *Reflective lifeworld research*. 2. ed. Lund: Studentlitteratur, 2008.
- FINLAY, Linda; EVANS, Ken. *Relational-centred research for Psychotherapists: exploring meanings and experience*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.
- FRÉMONT, André. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Almedina, 1980.
- GIORGI, Amedeo. Sketch of a psychological phenomenological method. In: GIORGI, Amedeo (Ed.). *Phenomenological and psychological research*. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1985. p. 8-22.
- HUSSERL, Edmund. *Phenomenological psychology: lectures, summer semester 1925*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1977.
- HYCNER, Richard H. Some guidelines for the phenomenological analysis of interview data. *Human Studies*, Bar Harbos, ME, v.8, n.3, p.279-303, 1985. Disponível em: <<http://people.usd.edu/~mbaron/edad810/Phenomenology%20Hycner.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2012.
- KEEN, Ernest. *A primer in phenomenological psychology*. New York: Holt, Reinhart & Winston, 1975.
- LANGDRIDGE, Darren. *Phenomenological psychology: theory, research and method*. Harlow, England: Pearson Prentice Hall, 2007.
- MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida V. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Educ/Moraes, 1989.
- MOUSTAKAS, Clark. *Phenomenological research methods*. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 1994.
- POLKINGHORNE, Donald E. Phenomenological research methods. In: VALLE, Ronald S.; HALLING, James F.T. (Ed.). *Existential-phenomenological perspectives in psychology*. New York: Plenum, 1989. p. 41-60.
- SMITH, Jonathan A.; OSBORN, Mike. Interpretative phenomenological analysis. In: SMITH, Jonathan A. (Ed.). *Qualitative psychology: a practical guide to research methods*. London: Sage Publications, 2003. p. 53-80.
- VAN KAAM, Adriam. Phenomenological analysis: exemplified by a study of the experience of "really feeling understood". *Journal of Individual Psychology*, Austin, TX, v.15, p.66-72, 1959.
- VAN MANEN, Max. *Researching lived experience: human science for an action sensitive pedagogy*. New York: State University of New York Press, 1990.

Submetido: 28/10/2012

Aceito: 22/4/2013